

MANIFESTAÇÕES DA CULTURA FRANCESA NA IMPRENSA BRASILEIRA, NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX

HELENA BONITO COUTO PEREIRA

A imprensa surgiu em nosso país com a organização da Imprensa Régia, a 13 de maio de 1808, em decorrência da instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro. Desde o início, entretanto, impunham-se enormes dificuldades a quem desejasse publicar jornais ou revistas. O candidato a editor deveria obter uma autorização, pois era privilégio exclusivo da administração colonial "imprimir e publicar gazetas e papéis periódicos de qualquer natureza"¹.

A atenção que essa administração dedicava aos periódicos era tal que, por ocasião do surgimento da Idade d'Ouro do Brasil, em 1811, na Bahia, o conde dos Arcos, recém-nomeado para o governo daquela capitania, estabeleceu regras que norteassem a atividade do redator; além disso, assumiu pessoalmente a tarefa de revisar cada número do jornal, enquanto não pôde contar com alguém de sua inteira confiança, a quem pudesse transferir o encargo das revisões, duas vezes por semana. A censura aos periódicos devia ser mais ágil que a censura a outros impressos, como livros e folhetos, mantendo igual severidade.

Os governantes não sō desestimulavam os particulares interessados em dedicar-se à imprensa, como vigiavam atentamente os

portos brasileiros, para evitar o desembarque de outras impressoras, além das duas já existentes no Brasil (no Rio e em Salvador). Ilustra essa preocupação o ofício enviado de Londres, pelo embaixador português ao conde dos Arcos e ao ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra: "Leva o navio **Americana** uma imprensa, e duas caixas de tipos, para a mesma, tem o capitão ordem de descarregar estas caixas, assim como as cartas que leva, antes de entrar no porto." E o embaixador finaliza o ofício com sua interpretação: "É Hipólito José da Costa, editor do **Correio Brasiliense**, quem diligencia esta expedição, e deu instruções que sem dúvida tendem a ensinar obras incendiárias contra o governo de S.A.R. o Príncipe Regente Nosso Senhor."²

Diversos historiadores têm apontado como o pensamento político dos inconfidentes e conspiradores brasileiros da época inspiraram-se nas "obras incendiárias", particularmente as dos enciclopedistas franceses. Segundo Nelson Werneck Sodré, a polícia perseguia com particular rigor o que chamava de **francesismo**. Foi intensa a repressão à divulgação das "doutrinas ímpias dos filosofantes da França", conforme diria o Padre Lopes Gama, mais tarde (1843), referindo-se aos "pacíficos tempos coloniais"³.

As teorias dos enciclopedistas solapavam crenças profundamente enraizadas na população, como a do direito divino da realeza. Por outro lado, no início do séc. XIX, a aversão das autoridades lusitanas à França decorria de fatores políticos, como a sua instalação no Rio em consequência do avanço napoleônico na Europa. Censuravam-se as referências à França, país inimigo, e principalmente às "doutrinas ímpias" de seus pensadores.

A aliança entre os reinos português e britânico consolidou-se através do tratado de 1810, segundo o qual as mercadorias inglesas que entrassem no Brasil pagariam 15% de direitos alfandegários, taxa inferior aos 16% pagos pelas mercadorias portuguesas ou aos 25% que cabiam às de outros países. O monopólio mercantil, aos poucos, foi desgastando a simpatia dos habitantes do Brasil em relação à Inglaterra. Após a queda de Napoleão, a França, às voltas com suas agitações cíclicas, tornava-se cada vez mais apreciada, de tal modo que, nas palavras de Pedro Calmon, "importamos o trabalho inglês e a idéia francesa.

Os panos de Manchester e os livros de Paris."⁴

Após a criação da Imprensa Régia, não tardaram a surgir os primeiros periódicos brasileiros: a **Gazeta do Rio de Janeiro** e a **Idade d'Ouro do Brasil**, em 1808 e 1811, no Rio e em Salvador, respectivamente; vieram a público também as revistas, tendo sido pioneiras **As Variedades ou Ensaios de Literatura** (Salvador, 1812) e **O Patriota** (Rio, 1813-14).⁵ Espocaram jornais em diversas cidades brasileiras, caracterizados quase sempre pela breve duração: a **Aurora Pernambucana**, a **Minerva Fluminense**, o **Diário do Rio de Janeiro** (de excepcional duração, tendo sido publicado, com pequena interrupção, de 1821 a 1878), o **Revêbero Constitucional Fluminense**, **O Conciliador** (do Maranhão), **A Malaqueta**, **O Tamoio**. A efervescência política do período anterior e contemporâneo à proclamação da independência transparece na prioridade (quando não exclusividade) com que os temas políticos eram tratados na imprensa periódica. Escapou a essa tendência apenas a **Sabatina Familiar de Amigos do Bem Comum**, revista que pretendia promover a criação de "Companhias Domésticas dos Homens de Letras".

Antônio Cândido, referindo-se às revistas culturais e ao jornalismo propriamente dito, nesse período que antecede as primeiras manifestações do Romantismo, divide-o em três ramos: jornalismo de ensaio, de artigo e de panfleto, sendo que "todos procuravam esclarecer o juízo do leitor e orientar a atividade do homem público."⁶ Tendo em vista a repercussão das idéias dos pensadores franceses junto aos leitores brasileiros, e levando em conta a conjuntura internacional, particularmente no período napoleônico, é importante identificar as marcas da cultura francesa que os periódicos da época registraram.

No caso da **Idade d'Ouro do Brasil**, por exemplo, o reduzido número de eventos ocorridos na província criava a dependência do redator em relação à chegada de jornais e revistas de fora. Os periódicos ingleses (**Morning Chronicle**, **The Times**, **Weekly Messenger** etc.) chegavam regularmente e em grande quantidade, bem como jornais publicados em Londres, mas redigidos em português (o **Correio Brasiliense** e o **Investigador Português**). Periódicos de outros países - notadamente da França - encontravam maiores dificuldades, ou passavam por uma triagem, para en-

trar no Brasil, como se depreende deste aviso estampado no nº 88 da **Idade d'Ouro**: "A Biblioteca Pública recebeu os periódicos, e folhas de Londres até o princípio de setembro. Além daqueles, de que ela é subscritora, subscreveu de novo a um intitulado **O Espanhol**. Esse periódico parece bem escrito, e divisa-se nele muita imparcialidade, e muita doutrina, que inspira aos povos o amor da pátria, e do governo; e que os faz detestar a mania revolucionária, e o subversivo sistema com que a França pretende infelicitar o mundo com o pretexto de o regenerar".⁷

Às vezes, as folhas inglesas retiravam suas notícias dos jornais franceses, o que obrigava o redator da **Idade d'Ouro**... a fazer o mesmo, com ressalvas: "A pouca fé que merecem os jornais de França é a causa de não termos feito deles nenhuma menção. (...) Agora, porém, faremos menção daqueles jornais, e copiaremos fielmente os seus artigos, porque a tardança do correio de março tem esterilizado muito a nossa folha. As seguintes notícias são extraídas do **Jornal do Império**, e inseridas nas folhas inglesas de fevereiro." (nº 44, 1813)

A partir da década de 20, os periódicos brasileiros voltam-se abertamente para os filósofos franceses, invocados com frequência. **A Malaqueta**, jornal que circulou entre 1821 e 1822, trazia em todos os seus números a epígrafe de Rousseau: "Quando se diz acerca dos negócios do Estado - que me importa? - deve-se contar que o Estado está perdido."

Já se afirmou acima a prioridade concedida pelos jornais aos assuntos políticos. Tanto nos editoriais sobre política interna, como nos que abordam política externa, **A Malaqueta** traz eventuais citações de pensadores franceses, geralmente no idioma original, como as que destacamos:

"É a maior das sensaborias ver como se está caindo, na Espanha, em alguns dos erros que tiveram lugar em França em 1790, e de que Mr. Necker se queixava: Em vão este infeliz, mas digno ministro, recomendava a moderação dos liberais quando os viu de cima; ele bem lhes dizia: Vous avez le dessus; c'est pour cela que la moderation vous convient, afin de pouvoir perfectionner votre ouvrage; e pela mesma maneira aludia ele aos muitos periódicos que inundavam Paris, e a França." (nº 21) ["Vós estais

em posição vantajosa, é por isso que a moderação vos convém, para que possais aperfeiçoar vossa obra."]

"... por isso mesmo todo o Brasileiro livre que ainda não tinha acedido ao Pacto, e que não tinha lá seus representantes podia exclamar com Rousseau: E d'où cent qui veulent un maître ont-ils le droit de voter pour dix qui n'en veulent pas? (nº 24) ["E como cem que querem um governante têm o direito de votar por dez que não o querem?"]

"Lição para mim, lição para todos. Voltaire nos diz - Il est bien indécent de faire le plaisant quand on prétend parler en Philosophe: il faudrait avant de prendre le ton railleur, être bien sûr qu'on a raison; et lorsqu'on est assuré enfin d'avoir raison, il ne faut point railler." (nº 29). ["É indecente fazer-se agradável quando se pretende falar como filósofo: seria necessário, antes de assumir o tom zombeteiro, estar bem seguro de que se tem razão; e quando, finalmente, se está seguro de ter razão, não é preciso gracejar."]

"Cita Rocha uma passagem de Madame de Staël com quem pretende dar mel pelo beijo à obediência filial de S.A.R. - Quand l'autorité du Prince est en défaveur auprès de l'opinion, le principe de la Monarchie qui place l'honneur dans l'obéissance est attaqué par sa base." (nº 30) ["Quando a autoridade do Príncipe está em desfavor junto à opinião pública, o princípio da Monarquia que situa a honra na obediência é atacado em sua base."]

O **Tamoio**, outro periódico brasileiro da época, conseguiu editar 35 números, em 1823. Tratando quase exclusivamente de política, apresentava em todos os números esta epígrafe de Voltaire: "Tu vois de ces tyrans la fureur despotique; Ils pensent que pour eux le Ciel fit l'Amérique." ["Vês desses tiranos a fúria despótica; Pensam que para eles o Céu fez a América."]

Além do editorial, voltado para a política interna, O **Tamoio** contém alentada seção de correspondência, um pouco de política internacional, e a publicação das atas das sessões da Assembléia. Este periódico desconheceu a preocupação literária ou cultural (no sentido restrito), de modo que referências à cultura francesa, nele, são escassas. Destaca-se, apenas, uma

citação de Montesquieu: "(...) era melhor que os indivíduos so-
fressem um pouco, certos como o Payaã dos franceses, o Sr. Mon-
tesquieu, - que les peines, les dépenses, les longueurs, les
dangers, même la justice, sont le prix que chaque citoyen donne
pour sa liberté." (nº 6, 1823) ["as penas, as despesas, a demo-
ra, os perigos, até a justiça, são o preço que cada cidadão pa-
ga por sua liberdade."]

Enquanto os jornais voltavam-se prioritariamente para a
situação política, a revista **O Patriota**, sub-intitulada "Jornal
Literário, Político, Mercantil, etc.", apresentava assuntos
variados, distribuídos em seções que eram mais ou menos fixas
nos sucessivos números publicados.

O exame da seção intitulada **Literatura** fornece interes-
santes subsídios para a reconstituição da História da Literatura
Brasileira, nesse período de formação da nacionalidade. Um Ar-
cadismo envelhecido e quase sempre estéril ainda ocupava os es-
paços, numa fase de transição que se encerraria apenas em 1836,
quando um grupo de jovens brasileiros faria surgir nossa escola
romântica - em Paris. Na segunda década do século XIX perpetua-
vam-se as odes pindáricas e anacreônticas, os epigramas, diti-
rambos, as palinódias, repetindo à exaustão os modelos clássi-
cos. No mesmo sentido de preservação dos valores já consagra-
dos, encontram-se as "Máximas, pensamentos e reflexões morais,
por um Brasileiro" (que se manteve no anonimato), e algumas
manifestações da literatura encomiástica, ou de louvor, quase
sempre de encomenda.

A presença da literatura francesa pode ser constatada em
diversos números da seção literária de **O Patriota**. Além da pro-
dução poética (se é que assim se pode denominar aqueles conjun-
tos de versos), a revista contém poemas traduzidos, como o que
assim se apresenta: "A Melancolia - Tradução de uma passagem do
Poema da Imaginação por Delille, em igual número de versos que
o original. Por B***." (2ª subscrição, nº 4, outubro de 1813). O
mesmo B*** havia inserido uma citação de dois versos de Deli-
lle, em francês, no "Epicéδιο à Morte da Ilustríssima e Exce-
lentíssima D. Henriqueta Júlia de Menezes" (1ª subscrição, nº
2, fevereiro de 1813). Era intensa a atividade desse tradutor,
como se depreende da nota da página 108 do mesmo número: "Obras

publicadas nesta Corte no corrente mês de fevereiro: 'O Merecimento das Mulheres', de M. de Gouvê (sic, por Legouvê), - traduzido por B***".

Sendo constante a presença de autores franceses, as máximas passariam, inevitavelmente, por La Rochefoucauld, como se evidenciou desde o primeiro número da revista, com a citação que transcrevemos: "Quelque découverte, que l'on ait fait dans le pays de l'amour propre, il y reste encore bien de terres inconnues." ["Seja qual for a descoberta que se faça no país do amor próprio, ainda restam muitas terras desconhecidas."]

A importação da "idéia francesa", conforme se apontou antes, realizou-se não só pela importação e tradução de obras francesas, como através dos jovens intelectuais brasileiros que, em contato com o que se produzia em Paris (cidade que irradiava cultura para todo o Ocidente, no século XIX), criaram, depois de 1836, a nossa literatura nacional. Em 1813, indícios desse processo, que durou décadas, podiam ser observados, como nesta apresentação: "Ode - remetida de Versalhes a Paris por Francisco Manuel Nascimento (Filinto Elísio) a Domingos Borges de Barros" (1ª subscrição, nº 4, abril de 1813).

O estudo dos primeiros tempos da imprensa brasileira traz uma contribuição importante para a compreensão das peculiaridades da cultura nacional. A existência de outros modelos, além do português, que sofreram cópia, transformação ou foram integralmente assimilados, não pode ser subestimada; deve-se, ao contrário, recuperar essas marcas, tentando estabelecer suas verdadeiras dimensões. Este é um caminho possível para a superação das permanentes dificuldades que os brasileiros (como outros povos do continente americano) têm, quanto à própria identidade nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹SILVA, M.B. Nizza da. **A Primeira Gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil**. São Paulo, Ed. Cultrix/Brasília, INL, 1978, p.16.

²id.ib., p.23.

³Citado por Sodré, Nelson W. **História da literatura brasileira. Seus fundamentos econômicos**. Rio, Ed. Civ. Brasileira, 1964, pp.142 e 145.

- ⁴CALMON, Pedro. História social do Brasil. Vol.1. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1941, pp.289-291.
- ⁵VIANNA, Hélio. Introdução à A Malaqueta, Coleção Fac-Similar de Jornais Antigos. Rio, Zélio Valverde, 1945, pp.V e VI.
- ⁶CÂNDIDO, A. **Formação da literatura brasileira - momentos decisivos**. São Paulo, Livraria Martins Ed., 1959, p.243.
- ⁷SILVA, M.B. Nizza da. op.cit., p.30.

